



82

DR. CANDIDO DE PINHO

A Guerra Peninsular

Discurso commemorativo, proferido pelo seu auctor
em sessão solemne
realisada a 18 de Junho de 1908 na Camara Municipal do Porto.



PORTO
Typographia do PORTO MEDICO
Praça da Batalha, 12-A
1908

RC
MNCT
94
PIN

548

618

A Guerra Peninsular

DR. CANDIDO DE PINHO

8108

A Guerra Peninsular

Discurso commemorativo, proferido pelo seu auctor
em sessão solemne
realisada a 18 de Junho de 1908 na Camara Municipal do Porto

- 618 -



PORTO

Typographia do PORTO MEDICO

Praça da Batalha, 12-A

1908

RC
MNCT
94
PIN



A camara municipal do Porto, tendo resolvido commemorar um dos acontecimentos mais gloriosos d'esta cidade, uma data que, gravada a oiro na historia nacional, constituirá através das idades um brazão de patriotismo e independencia, de altivez e abnegação, encarrega-me de exprimir aos que accederam ao nosso convite o seu reconhecimento e gratidão.

A presença dos nossos illustres convidados imprime a esta consagração a imponencia e o brilho que deve revestir a rememoração dos grandes feitos nacionaes, quando a hora da sua apotheose passa no meridiano da existencia secular. É então que, volvendo os olhos sobre o passado, se aprecia bem o seu valor e significação, a importancia que adquiriram no aggregado dos motivos tradicionaes, a somma de razões, emfim, que os impõem ao nosso reconhecimento.

Quando um phenomeno historico scintilla no meio da ganga dos episodios de uma época, assaz vivamente para illuminar, a um seculo de distancia, um recanto da alma humana, onde se desdobra nas côres do iris, arrancando

reverberos em todas as facetas da emoção e do pensamento, esse phenomeno tem um valor educativo, a que seria criminoso não dar o relêvo que merece.

A evocação de factos d'essa ordem marca ás vezes, para as collectividades, como para os individuos, um momento culminante na trajectoria da sua existencia, porque tem o poder de polarisar n'uma funcção definitiva e suprema energias que de outra fórma resultariam inertes. É assim que qualidades e impulsos ingenitos ou latentes, por muito tempo sopitados á mingua de estímulo ou de laço que os coordene e enfeixe, surgem frementes de inspiração, palpitantes de vida, quando uma incidencia d'esta ordem os fere e harmonisa n'uma res-tea de luz.

A palavra de um tribuno, o rasgo de um heroe, a abnegação de um apostolo, o brado de uma multidão indignada ou triumphante, acordam em certas conjuncturas vibrações, que nunca escutáramos, e imprime-lhes uma harmonia dominadora e allucinante, que jámais se extingue.

É de commoções d'esta ordem, integradas de geração em geração, sob a disciplina de leis que a psychologia collectiva não definiu ainda, que é feito o patrimonio humano. Commemorar, portanto, os grandes acontecimentos do passado é um acto de justiça, que redundam em proveito dos vindouros; é depôr na leiva do futuro os germens seleccionados das melhores acções humanas; é preparar a seara da virtude e da grandeza civica.

Ora, é um acontecimento d'esta natureza que vimos hoje aqui commemorar, procurando recolher em um momento de consagrada devoção os ensinamentos e incentivos que elle abundantemente encerra.

Permittam-me v. ex.^{as} duas palavras de referencia historica, breve, porque é bem conhecido o assumpto, mas indispensavel para estabelecer uma certa concatenação.

*

* *

A paz de Tilsitt, assignada a 7 de julho de 1807, marca o inicio de uma nova phase da orgia militar napoleonica, menos gloriosa, sem duvida, mas não menos agitada que a anterior. Esse tratado, juntamente com o de Presburgo, de 1805, acabava de collocar constrangida mas resignadamente a Austria, a Prussia e a Russia sob a supremacia da França. Tranquillo por esse lado, o ambicioso caudilho, que um militarismo desenfreado, de mãos dadas com um capitalismo sem escrupulos, ergueram nos escudos para organisarem em seu proveito a ordem social, a que a Revolução não soubera ou não pudéra dar uma fórma definitiva, podia agora voltar-se despreoccupadamente contra a Inglaterra, submettendo-a igualmente á sua influencia e pondo termo d'esta sorte á guerra maritima que esta potencia sustentava ardentemente contra a França.

Como, porém, era totalmente impossivel fazer face ás esquadras inglezas apenas com os destroços salvos das catastrophes de Ulm e Trafalgar, Napoleão teve de metter hombros á organização do bloqueio continental, que não poderia completar-se sem a collaboração efficaz da peninsula. A sua diplomacia limitára-se até esse momento a obter a neutralidade das duas nações peninsulares; mas a breve trecho comprehendeu que essa neu-

tralidade era illusoria, visto que nenhuma das duas potencias podia furtar-se á influencia ingleza. Não bastava mesmo fazel-as entrar na sua esphera de acção, porque nenhuma d'ellas tinha força para se manter n'esse equilibrio; era forçoso conquistal-as. Quanto á Hespanha, Napoleão logrou facilmente o intento, graças á ignominiosa situação em que se encontrava a côrte, onde a imbecilidade do rei, a dissolução da rainha e a baixeza do favorito Godoy serviram admiravelmente as insidias dos seus agentes, acabando por conduzir a familia real ás famosas conferencias de Bayona, que dêram em resultado collocar-lhe nas mãos a corôa de Hespanha. Pelo que dizia respeito a Portugal, a situação interna do paiz era igualmente propicia á solução projectada, visto que a nação estava inteiramente desorganizada e a acção governativa reduzida á mais objecta nullidade. Comtudo, precisamente por isso e pela posição geographica do paiz, os inglezes podiam aqui exercer mais facilmente a sua acção, e, portanto, a occupação precisava de ser effectiva e tenaz. Foi isso o que ficou assente depois do tratado de Fontainebleau, cujas clausulas, no intuito de firmar a paz da França com a Hespanha, estipulavam que Portugal seria dividido em tres lotes:—Entre Douro e Minho para a Rainha da Etruria; o principado dos Algarves, desde a margem esquerda do Tejo, para D. Manoel Godoy; Traz-os-Montes, as Beiras e a Extremadura, ficariam em poder do imperador, para recompensar a casa de Bragança, no caso em que ella se lhe mostrasse docil. Os dominios ultramarinos seriam divididos em proporções ignaes entre a França e a Hespanha.

A execução d'este plano foi confiada a Junot, que

marchou immediatamente para Bayona, onde se estava concentrando um exercito de 25:000 homens de infantaria e 3:000 de cavallaria, á frente do qual immediatamente se dirigiu, através de Hespanha, em direcção á fronteira portugueza. Na sua ultima paragem, em Alcantara de Hespanha, recebia elle as ultimas ordens de Napoleão e juntava-se-lhe, ficando sob o seu commando, a divisão hespanhola do general Carrafa, ao tempo composta apenas de 1:500 homens de infantaria e 400 cavallos, ficando ahi ordem para que o resto da divisão se lhe viesse unir, ao passo que fosse chegando.

Tal era a composição do exercito que a 19 de novembro de 1807 transpunha a fronteira portugueza no Rosmaninhal.

Antes de invadir o territorio designado á sua acção militar, o general sentiu por um momento a necessidade de dar um curto descanso ás suas tropas, extenuadas e bastante dizimadas já por uma marcha extremamente difficil através de Hespanha, bem como de dispôr as coisas para a hypothese de uma resistencia. Fez uma proclamação garantindo pela sua honra o bom comportamento do seu exercito e destacou avançadas a sondar a disposição do paiz.

Dentro de algumas horas pôde ficar inteiramente tranquillo;—ninguem se mexia. Um unico obstaculo, mas esse tremendo, desconcertava a bizarrria da investida;—a invernia. O general Foy, descrevendo a marcha atormentada d'essa gente, explica a razão porque ella desde logo se converteu n'um bando lugubre de harpias.

“Vinte vezes por dia a infantaria tinha de romper a forma por causa dos pessimos caminhos, erigados de ca-

chopos e correndo por entre montanhas cobertas de neve. A cheia de diferentes levadas e ribeiras, que tinham de passar a vau, era um novo motivo de debandada para os soldados. Perdido o laço de formatura e com elle o vinculo da disciplina, que lhes dá a presença dos chefes, semelhantes soldados não podiam formar um exercito, não passando em taes circumstancias de um simples montão de homens, exasperados por toda a ordem de miserias.

Durante as guerras da Allemanha sempre um fogão crepitante, e, além d'elle, patrões benevolentes faziam esquecer aos francezes os trabalhos das marchas forçadas; mas em Portugal era já grande fortuna achar um carvalho copado, que os abrigasse, ou mesquinha oliveira, que lhes fornecesse uma pouca de lenha para accender o fogo que mal lhes podia enxugar o corpo e o fato ensoado em agua.,,

Informado da situação, Junot resolveu prescindir do exercito, que para nada lhe era preciso, e arremessou-se por esses caminhos abaixo, seguido dos que podéram formar-lhe escolta, para estar em Lisboa a 1 de dezembro, conforme lhe ordenára o imperador. Cumpriu com effeito; na manhã de 30 de novembro, tendo reunido na vespera em Sacavem uns 1:500 soldados, entrava em Lisboa, pelo bairro de Arroios, "cujos habitantes ficaram tomados de interesse e compaixão perante o espectáculo de verdadeiros espectros militares, que mais se assimilavam a mendigos do que a soldados de um exercito regular.,,

O resto do exercito, diz Foy, lá vinha marchando, *quasi em debandada*, separadas as suas columnas por torrentes e planicies inundadas. Do general Travot e

da sua cavallaria nem sequer noticias se tinham recebido.

Foi diante de um exercito d'esta natureza que na vespera, a 29 de novembro, o rei de Portugal, seguido de 15:000 pessoas, abandonou o reino, fugindo para o Brazil.

*

* *

Começa n'este momento uma das éras mais tragicas da historia portugueza, éra de angustias pavorosas e fulgurantes virtudes, em meu entender só comparavel, sob o pontó de vista do progresso realisado pela individualisação collectiva, á que no fim do seculo xi se abre com a fundação da monarchia. Foi brilhante e fecunda a época de Aviz; mas a crise do seculo xiv distancia-se da do principio do seculo xix, porque agora a patria portugueza vai realisar uma nova genese, mais completa e perenne que a primeira, graças á qual a independencia surge d'esse *nisus formativus* em que se elaboram os elementos fundamentaes das nações, isto é, a consciencia collectiva, a vontade e o sentimento de um povo.

No fim do seculo xiv a nação obedece ao impulso de elementos historicos anteriores e a explosão da força nacional realisa-se sob o influxo das classes superiores, á frente das quaes se encontra a familia real. É sob o seu auspicio que a litteratura e as sciencias desabrocham n'este torrão afastado da Europa; é a sua intervenção directa que transforma a politica; é, finalmente, a sua orientação que faz com que a legislação se vaze em moldes que melhor garantam a unidade nacional

pela limitação de privilegios, quer aristocraticos, quer burguezes. É talvez a esta circumstancia que devemos o ter escapado á acção pulverisadora do feudalismo, mantendo essa cohesão e homogeneidade que são a meu vêr, o instrumento mais efficaz das nossas conquistas.

Na crise do principio do seculo XIX é pelo contrario o povo que, abandonado e espoliado, vai amassar dia a dia em lagrimas e suor os fundamentos de uma nova patria.

A 29 de novembro, pois, o principe-regente, a côrte e 15:000 pessoas, em cujo numero se contava toda a nobreza, altos funcionarios, magistrados, commerciantes, tudo emfim que tinha que perder, tomava logar, com todas as suas joias e haveres, a bordo dos navios que restavam da esquadra portugueza e, protegidos ou vigiados por uma esquadra ingleza, fizeram-se de rumo para o Brazil. O paiz ficava exausto e talado; o exercito sem instrucção, sem quadros e sem chefes; as praças abandonadas, as finanças arruinadas, as secretarias desertas, o povo assombrado e como que petrificado n'essa lethargia tenebrosa em que de ha muito estava immerso.

O que ficava não era sequer o cadaver de uma nação; eram escombros dispersos em que mal se descortinava o laço que um dia os prendera na harmonia de uma estrutura. A obra de dissolução, que a politica imbecil do reinado de D. Maria realisára em todas as camadas sociais, acabava na putrida desaggregação de um necroterio.

A atmospheria tôrva das emanções, que se exhalavam d'este pantano e que o tufão, que soprava d'além dos Pyreneus, ia alastrando sobre a face do mar até ás

costas de Santa Cruz, como uma facha negra que as naus portuguezas pela primeira vez deixavam na sua esteira, fizera desaparecer completamente o nimbo radiante, que ainda pairava sobre esta costa do Atlantico; nimbo em que se fundiam almas de heroes e orações de crentes, canções de poetas e glorias de guerreiros, ternuras que se embalavam na melopeia d'esse mar onde se sumiram tragados tantos dos que durante dois seculos d'aqui partiram, e sonhos doirados de poderio e grandeza, em que desvelavam as noites os que ficavam.

Dir-se-hia que esses 15:000 foragidos, tudo o que se havia locupletado á custa de veniagas e depredações, arvoradas em systema de governo, de prebendas e patronatos, de doações e tenças, se affastavam do paiz na allucinada precipitação do bandido, que depois de despojar a sua victima julga furtar-se ao remorso. Mas não: nem susceptiveis de remorso eram, tão baixa era a condição a que os arrastára a ignorancia e o fanatismo. Durante a viagem, para distrahir da monotonia de bordo, ia-se já architectando o plano de erigir o Brazil em nação independente para terem sempre sobre quem cevar o seu sadismo de estrangular nações.

*

* *

Taes eram os que fugiam; vejamos em rapido relance como se revelaram os que ficavam.

Abundam por tal fórma os documentos em que se traduz o estado de espirito dos que ao tempo representavam no paiz o governo, que ficaram exercendo depois

da fuga do príncipe regente, e das classes dirigentes, que a difficuldade da escolha é a unica que me asserberba. Vou referir-me exclusivamente a dois, a que dou preferéncia pela sua flagrante significação, bem como pelo numero e qualidade das assignaturas. O primeiro é a allocução aos seus compatriotas feita pela deputação portuguzza que foi a Bayona cumprimentar Napoleão.

Depois de exprimir a imposição que nos é feita de adherir ao systema continental, continúa: “Estes são os signaes por onde S. M. I. e R. quer julgar se somos ainda dignos de formar uma nação capaz de sustentar no throno o príncipe que nos governar, e de occupar entre as nações o logar que nos compete. Vereis com reconhecimento e admiração n'estas sábias disposições os profundos conhecimentos de S. M. I. e R., que não quer decidir da sorte de um Estado senão conforme os seus desejos manifestados por factos. Cumpre aos magistrados e ás pessoas mais auctorizadas que existem entre vós, cumpre a vós todos dar a maior publicidade ás intenções de S. M. I. e R. Esperamos, pois, que confirmareis os protestos que lhe fizemos em vosso nome. Quando um grito unanime arrancado do fundo dos nossos corações mostrou o desejo que tinhamos de ser uma nação, então mais que nunca nos julgavamos dignos interpretes dos vossos sentimentos.”

Este documento é assignado por—marquez de Penalva, marquez de Marialva, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, Marquez de Nisa, marquez de Abrantes, marquez de Abrantes (D. José), conde de Sabugal, Francisco, bispo de Coimbra e conde de Arganil, José, bispo inquisidor geral, visconde de Barbacena, D. Lourenço de Lima, D. José, prior-mór da Ordem Militar de

S. Bento de Avis, Joaquim Alberto Jorge e Antonio Ferraz da Silva Leitão.

O segundo d'esses documentos é a representação da Junta dos tres Estados pedindo um rei a Napoleão.

Depois de cumprimentos em que trescala uma baixeza inqualificavel, diz:

“Achamo-nos plenamente convencidos que Portugal não póde conservar a sua independencia, animar a sua energia e o caracter de sua propria dignidade sem recorrer ás benevolas disposições de V. M. Ditosos seremos se V. M. nos considerar dignos de ser contados no numero dos seus fieis vassallos; e quando pela nossa situação geographica ou por outra qualquer razão que a alta consideração de V. M. tenha concebido, não possamos lograr esta felicidade, seja V. M. quem nos dê um principe da sua escolha, ao qual entregaremos com inteira e respeitosa confiança a defeza das nossas leis, dos nossos direitos, da nossa religião e todos os mais sagrados interesses da patria.”

Este documento é assignado: por parte do clero, principal Miranda e principal Noronha; pela nobreza, conde de Peniche (que presidia ao conselho de fazenda) e D. Francisco Xavier Noronha, presidente da meza de consciencia e ordens; pela municipalidade e povo, o desembargador João José de Faria da Costa Abreu Guião, que presidia no senado da camara; desembargador Luiz Coelho Ferreira Faria, seu immediato, o juiz do povo, o escrivão do povo; pela magistratura, o desembargador Nicolau Esteves Negrão, chanceller-mór do reino, e o desembargador Lucas de Seabra da Silva, chanceller da Casa de Supplicação.

A estes juntaram-se ainda os deputados da junta dos

tres Estados, que eram o conde da Ega, presidente, conde de Almada e conde de Castro-Marim.

Foi além d'isso assignado por todos os titulares e fidalgos que estavam então em Lisboa: Duas unicas pessoas se recusaram a assignar o inconcebivel documento — o marquez das Minas e o juiz do povo.

Convem ponderar que, ao tempo em que estes degradantes dizeres vinham a publico, tinha Junot desmembrado, quasi que annullado, o que restava do exercito portuguez, organisando com os elementos que não pôde demittir ou reformar a célebre Legião Lusitana, que lá ia através de inclemencias inenarraveis a caminho de Bayona, deixando a sua patria talada por tal invasor; já esse mesmo Junot tinha mandado recolher á Casa da Moeda os objectos de oiro e prata das igrejas, capellas e confrarias, para comêço de pagamento da contribuição de 100.000:000 (cem milhões) de francos, que dentro de tres mezes deviam ser desembolsados pelo paiz; já finalmente em varias localidades se tinham commettido as mais horrorosas atrocidades, como por exemplo a das Caldas da Rainha, onde por futeis motivos foram fuzilados dez desgraçados e dois dias depois ignominiosamente desarmado e dissolvido o 2.º regimento do Porto.

Confrange-se o coração de angustia inexprimivel ao contemplar o estertor de uma raça em quem sete seculos de privilegios e tradições não conseguiram fazer sobreviver um faisca de pundonor e cavalheirismo, que a livrasse de rojar-se aos pés de quem lhe cuspia as ultimas affrontas. Que lubrico deleite deveria sentir o sargentão, que trovejava ameaças em Lisboa, e cuja audacia se incendiava na ambição mal disfarçada de conquistar o throno portuguez, ao vêr assim amesquinhad

e confusos, diante das suas dragonas, os representantes de uma aristocracia, em cujas veias corria o sangue generoso e altivo de Nun'Alvares, dos fronteiros de Africa, dos almirantes do mar das Indias, de todos esses que, ao descerrar-se a moderna historia, vincaram com o seu nome as paginas em que a geographia do mundo e as relações dos povos appareciam transmudadas!

Por isso elle, incapaz de render-se á amarga tristeza ou á nobre repulsa que semelhante espectáculo inspira, lhes desfechava pelo contrario essa ironia pungente, que é ao mesmo tempo uma profanação sangrenta, da promessa de dois Camões, um para a Beira, outro para o Algarve!...

Mas, não; a altivez, o cavalheirismo, o nobre orgulho do sangue portuguez não estão extinctos. O seu verdadeiro e unico depositario, agora como em todas as crises que a nação atravessára, vai erguer-se do leito de tormentos em que o prostraram a traição e o abandono, a fome e a injustiça, o desalento resignado da victima e a crueza implacavel do algoz.

Foi da sua alma enlevada em mystico naturalismo que os poetas e os artistas tiraram as mais sentidas estrophes, os mais inspirados motivos; foi do amor com que revolveu essa terra, que os seus labios agradecidos tanta vez beijaram, que se formou esse patriotismo ardente em que se reviam os seus genuinos heroes; foi á custa de muita intrepidez e bravura que a ponta da sua lança sulcou o territorio, dentro do qual decidira erguer o seu lar e o seu altar.

Agora, que todos aquelles a quem confiara o deposito sacrosanto das suas conquistas, mais uma vez o atraçoavam, deixando-o ao desamparo, espoliado e fa-

minto, forçoso era erguer de novo ás alturas o coração, em que nunca se extinguiu o amor, e o braço, que chegára até aos confins do mundo, para reivindicar esse pequeno torrão em que repousava o berço de seus filhos e o tumulto de seus avós.

Eis ahí a tarefa que o povo portuguez, imperterrito e denodado, vae realizar sem medir obstaculos, sem regatear sacrificios. Elle vae demonstrar á Europa, confundida e absorta, como é que um punhado de homens, em cuja alma rebrilha o amor da patria, em cujo coração referve a tormenta da indignação, pôde disputar aos exercitos mais bem disciplinados o sólo em que assenta a pyramide luminosa dos seus direitos e afeições.

É o proprio general Foy que o confessou e a cada passo o proclama.

Um mez antes da entrada do exercito invasor concordam todos os escriptores militares em affirmar que era extremamente facil, e estava imperiosamente indicado, organizar uma defeza que, disputando energicamente o passo aos francezes, teria evitado muita ruina e talvez mudado o curso dos acontecimentos. Nem para isso se tornavam indispensaveis os soccorros britannicos; porque os elementos portugezes, que em breve veremos entrar em acção, constituiram sempre o grande nucleo de combate.

Não é, porém, a mim que compete apreciar o valor d'esses elementos. O que n'este momento se me impõe e absorve o meu intuito é pôr em relêvo a importancia dominadora da torrente popular.

Como se formou ella? d'onde brotou?

*
* *
*

Foi justamente n'esta cidade, talvez n'essa praça ahi fronteira, que no dia da procissão de Corpus Christi, celebrada em 1808 a 16 de junho, correu na multidão o primeiro arripio da revolta. Estavam as milicias formadas para se encorporarem na procissão quando o brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, governador das armas e partido do Porto, ordenou que se recolhessem as bandeiras nacionaes e se hasteassem as aguias francezas.

Este mesmo personagem, encarnação completa do espirito da cobardia e traição, que dominava todos aquelles que vinham exercendo cargos publicos, era o mesmo que alguns dias antes tinha demittido o governador do castello da Foz por ter arvorado na madrugada do dia 1 a bandeira nacional. Assumiu similhante rispidez em frente do seu subordinado, tendo-se pouco tempo antes compromettido a exercer o cargo de governador das armas, no caso de vingar o movimento. Em recompensa da sua doblez, que Foy fustiga desabridamente, Junot envia-lhe a communicação, em que elle se desvanece, de que o havia de recommendar pessoalmente ao imperador.

As milicias não obedeceram e o brigadeiro teve de engolir o despeito de vêr a sua ordem desacatada, perdendo uma excellente occasião de adduzir serviços.

Dois dias depois, a 18 de junho, faz hoje precisamente um seculo, carregavam-se umas rações que o juiz de fóra de Oliveira de Azemeis mandara pedir para, em obediencia ás ordens recebidas, abastecer uma força,

que de Torres Vedras marchava a reunir-se com Loison, que evoluçionava ao norte do Douro. Immensa multidão assistia a esta faina, visivelmente irritada, quando um artilheiro portuguez bradou indignado — que só para os portuguezes não havia pão, havendo-o para os inimigos da patria. E, como um francez que estava fazendo a escripturação, replicasse insolentemente, o artilheiro descarregou-lhe uma coronhada.

Estalou então o motim, desordenado e irreprimivel. Dentro de breves momentos o povo em reboição espalhou-se pelas ruas, e, ao dobrar de cada esquina, a turba engrossava com os que corriam a informar-se do occorrido. Assim foi crescendo e avolumando a onda, em cujo seio se enovelava um redemoinho de impetos, havia muito represados. D'ahi a pouco era totalmente impossivel conter a multidão que por toda a parte se apinhava vozeando e protestando. Todos os francezes que havia no Porto foram presos e conduzidos á guarda da Ribeira. A isto se reduzia, por enquanto a vindicta: mais tarde o furor encandeado da rebellião não poupará o sangue do inimigo, que durante alguns mezes se cevou em latrocínios e affrontas.

Ao fim da tarde a torrente dos amotinados, que se alastrava bramindo por toda a cidade, convergiu para o Campo de Santo Ovidio, onde estava aquartellada a artilharia.

Em curtos instantes o immenso largo ficou coalhado de gente, arrebatada na mesma lufada de entusiasmo, transportada de certo n'essa visão prophetica de redempção, que as multidões opprimidas vislumbram sempre nas crises agudas da revolta.

Um brado immenso, em que se consubstanciavam o

anceio da independencia e o alvoroço de fulgidos combates, rompe de todos aquelles peitos. Correm aos arsenaes, onde se apoderam de armas e cartuchos. Paisanos, militares e os officiaes de linha que se lhe tinham juntado marcham para a Ribeira, sob o commando do capitão Mariz, que havia conseguido umas 4 peças e, ahi chegados, preparam-se com os elementos de que dispunham para fazer face ás tropas que, vindo pela estrada de Coimbra, suppunham o caminho da cidade.

A revolução estava definitivamente iniciada. Os traidores que havia dentro da cidade sumiram-se, corridos de medo e de vergonha; e Loison, que, aos primeiros rebates da revolução tinha recebido ordem de sahir de Almeida para o Porto, estava ainda longe. No emtanto tornava-se urgente organizar a resistencia e propagar o movimento.

A noite de 18 para 19 decorreu n'uma vertigem de preparativos e combinações; mas, ao raiar da manhã, todas as disposições estavam tomadas e só restava garantir a sua execução.

De novo se fórma no campo de Santo Ovidio um ajuntamento, que com alguns officiaes e duas peças de artilharia á frente se dirigiu para o paço episcopal, afim de organizar um governo em que o povo portuense, e successivamente todas as terras do paiz, delegassem a soberania e o poder, que em transes de heroismo iam arrancar das mãos do representante napoleónico.

Assim se fez, com effeito; e n'essa mesma noite ficava constituida a junta provisional do supremo governo do reino, que, *por designio expresso do povo*, reconhecido e acceite por todos os seus membros, assumiu a gerencia dos negocios até setembro d'esse mesmo anno.

Tal é, no seu aspecto condensado e singelo, o acontecimento cujo centenario os representantes do municipio portuense resolveram commemorar. Não é, porém, sómente pelo que representa no acanhado ambito da cidade, que elle se impõe á levantada consagração, que a presença dos nossos illustres convidados tão luzida torna.

Não: o brado que o povo portuense arrancou do peito em chammas, na tarde de 18 de junho, repercutiu-se logo de quebrada em quebrada, de cerro em cerro, até aos confins da terra portugueza, acordando n'uma alvorada de guerra os instinctos redivivos da alma celtica. De toda a parte—dos campos, das villas, das cidades—novos e velhos corriam a alistar-se em guerrilhas e, armados apenas de chuços e roçadoiras, defrontavam-se com os batalhões disciplinados dos francezes em luctas tão accêsas ou em emboscadas tão audazes, que a estes se affigurava que de cada arvore, de cada sébe, de cada casal a morte os espreitava e attingia n'uma rajada inexoravel de granizo

Alguns mezes depois o guerrilheiro intemerato e indomavel depõe o trabuco e a foice para se submeter á disciplina de um exercito regular. O humilde filho do povo despede-se então, para sempre talvez, do casal, em que nascera, e vae por essa peninsula fóra ferir dezenas de batalhas, em que a sua bravura de soldado attinge as épicas proporções das edades heroicas.

Cerrado, pois, o periodo da agitação exclusivamente popular, da lucta de guerrilhas, começa a historia do exercito regular. E' aos representantes d'esse exercito glorioso que compete agora dizer até que ponto o soldado portuguez se revelou o depositario do cavalheirismo e do pundonor da sua raça.

*

* *

Meus senhores:— É tempo de concluir, porque a vossa bondade não póde ser illimitada. Duas palavras apenas.

O acontecimento a que acabo de referir-me reveste de uma maneira inequivoca e flagrante as caracteristicas que a acção popular imprime aos seus productos. É simples e ineluctavel, como a manifestação do genio ou como a resultante cataclysmica das forças naturaes. É, além d'isso, de uma fecundidade inexgotavel; porque, concluido o cyclô das suas consequencias immediatas, começam a revelar-se no plasma social correntes, creadas sob o seu impulso, que, progressivamente individualizadas, esboçam as trabeculas de uma nova organisação.

A consciencia collectiva, agora desperta e illuminada pelas irradiações de uma existencia mais complexa, mais intensa e autonoma, eleva-se a um nivel que até então não havia attingido, e reconhece a inconsistencia dos elementos historico-politicos da sociedade portugueza.

Este conjuncto de circumstancias não podia deixar de produzir na vida intima da nação transformações inesperadas e profundas. Ella entra, com effeito, como já disse, na crise de uma genese, cujos symptomas se vão manifestando através do seculo findo em convulsões, que aos olhos de alguns escriptores, demasiadamente pessimistas a meu vêr, se afiguram pouco menos que estereis.

Não admira que assim seja.

Quando nos organismos vivos uma funcção se modi-

fica ou principia a esboçar-se, as suas primeiras manifestações são necessariamente hesitantes e imperfeitas. Para avançar no caminho da perfectibilidade é indispensavel que a torrente da vida a inunde a cada momento, sem perturbar o systema da nova adaptação:— caudalosa, mas serena.

Ora, na vida das nações, a torrente que alimenta todos os progressos e todos os aperfeiçoamentos é o patriotismo dos seus filhos; é essa força poderosa e subtil, invencivel e mystica, que a 18 de junho de 1808 espadanou do coração dos portuenses n'um feixe de luz.

Faço votos por que agora e sempre esse clarão illumine a alma d'este povo.

DISSE.





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329726101

